

EDUCAÇÃO E TRABALHO SUJO[1]

Leonardo Prates Brugnerotto,

Allan da Silva Coelho

O presente trabalho analisa como se manifesta a lógica do trabalho docente a partir do conceito de trabalho sujo, tencionamos criticar como ela molda as condições laborais de professores(as) ao mimetizar formas empresariais de gestão, que impondo uma gestão empresarial elabora formas de padronizações e avaliações de ensino tal como se escolas atuassem da mesma maneira que empresas. Esse projeto educacional originário das reformas empresariais influencia na concepção de educação da rede pública que passa a atender os interesses privados de seus reformadores. Para criticar esse modelo de educação utilizaremos as categorias desenvolvidas por Paulo Arantes como o capitalismo acadêmico que utilizaremos como marco teórico. Utilizaremos também a categoria de trabalho sujo (*sale boulot)* como fundamento crítico da concepção de trabalho adotada na educação fundamental.

A abordagem teórica se fundamenta em um contexto mais amplo a partir dos conceitos de trabalho de autores como Marx e Dussel, na teoria crítica de Paulo Arantes, sobretudo com o conceito de trabalho sujo (*sale boulot*) que é relacionado a uma racionalidade neoliberal que vai se infiltrando em diferentes aspectos da vida cotidiana. Adotamos a metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico, utilizando da metodologia marxista desenvolvida por Lucien Goldmann como estruturalismo genético, que por sua vez é recebida pelo quadro teórico de Michael Löwy. Desse modo, buscando uma análise dialética que busca uma fundamentação histórica compreendidas enquanto partes de uma totalidade estruturada.

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), código 001. Fruto da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco – USF, sob a orientação do Prof. Dr. Allan da Silva Coelho.



O estruturalismo genético se apresenta para o sociólogo marxista Michael Löwy (2016) como a definição que Goldmann utiliza para a dialética marxista, que, no entanto se diferenciaria de outras perspectivas de sua época inclusive as marxistas, pois, elas analisariam uma estrutura que fecharia metodologicamente a dimensão histórica dos fatos sociais e na tentativa de explicar a realidade a partir dessa estrutura perene, torna-se não só impalpável cientificamente como incapaz de explicar a realidade. Pois esse seria um processo contínuo e dialético de estruturação e desestruturação.

> O estruturalismo genético é, portanto, um método que procura analisar totalidades estruturadas, e que procura observar qual é a dialética entre o todo e as partes, entendendo que é impossível compreender a totalidade sem a articulação das suas partes, sem perceber o lugar que elas ocupam nas relações que constituem a estrutura total (Löwy, 2016, p. 26).

Assim a concepção do estruturalismo genético busca analisar dialeticamente estruturas significativas para a compreensão de fenômenos culturais e sociais não apenas dentro de sua estrutura, mas também dentro de sua gênese histórica.

A escolha da de utilizar os textos de Arantes se deve a percepção de que esse filósofo elaborou um repertório teórico que possui materialidade em solo brasileiro e pode contribuir para uma crítica do trabalho no campo da educação ainda pouco desenvolvida na área. Dessa maneira estabelecemos um marco teórico a partir do conceito de capitalismo acadêmico sugerido por Paulo Arantes (2024) onde a conduta das pessoas dentro de uma organização acadêmica passa a ser regida por dispositivos avaliativos. Estas avaliações passariam a operar do mesmo modo que as avaliações de empresas que buscam avaliar seu desempenho produtivo, como resultado, temos uma coação de conduta para que a academia funcione como uma empresa,

> Isto é, a violência contemporânea é que você vai funcionar como se estivesse dentro de um mercado quando você não é nem uma empresa, nem está concorrendo a nenhuma empresa similar a você mesmo. Isso é uma violência. E isso acontece na universidade. Como? Pela transposição desse pequeno dispositivo chamado avaliação, que é um dispositivo de poder de sanção e um dispositivo punitivo, cujo principal objetivo não é avaliar – avaliar no sentido de verificar se um investimento está dando retorno (se nós, como 9,6% de ICMS, estamos dando retorno: isso é um nonsense econômico, não tem como



> avaliar), avaliar é simplesmente governar a conduta das pessoas dentro dessa organização (Arantes, 2024).

Segundo Andrian e Coelho (2023) a hegemonia neoliberal está marcada pela dinâmica das reformas empresariais, onde o setor privado pretende atuar nos fundamentos da educação, com a finalidade de extrair capital da formação e formar melhor o capital humano. Nesse mesmo sentido, o professor e Dr. Freitas (2018) argumenta que os reformadores empresariais da educação precisam criar instrumentos para medir a eficiência e qualidade da educação através de avaliações, tais como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) que por sua vez geram pressão para bons resultados nessas avaliações, servindo dessa maneira, como instrumentos de controle do processo pedagógico.

O conceito de trabalho sujo ou *sale boulot* é enfatizado por Arantes como um tipo de trabalho zeloso. Esse conceito é extraído a partir da percepção do colossal trabalho realizado durante a segunda guerra mundial para manter os campos de concentração funcionando com o máximo de eficiência durante o terceiro reich. Estes campos não poderiam funcionar sem o engenho e inteligência de toda uma população disposta a completar essa tarefa, de forma que se cria inclusive unidades especiais dentro desses campos, grupos formados pela SS utilizando dos próprios prisioneiros para fazer o trabalho sujo. É assim que, como sugere Arantes (2014) a criação dessas unidades reduz o espaço entre comandantes e comandados, senhores e escravos, ao colocar os próprios prisioneiros para realizar o trabalho sujo de fazer vigias, carregar corpos, abrir covas, etc. os tornando malfeitores de seus semelhantes.

No contexto das ocupações estudantis das escolas públicas de 2015, escolas que foram violentamente desocupadas de seus próprios estudantes, a Socióloga Catini (2020) estabelece um breve diálogo com Arantes, onde a educação pública passa a ser uma forma de gestão da pobreza e de pacificação social. Diante desse cenário qual seria o propósito ou despropósito dos trabalhadores da educação? Afinal,

> Quem teria que fazer o trabalho sujo de seleção e triagem não seria mais ninguém além de professores, professoras, educadores e educadoras e não os

> formuladores da proposta, economistas, assessores e assessoras de bancos de investimentos, gestores e gestoras da casta que representa a hegemonia empresarial (Catini, 2020, p.65).

Os estudos aqui apresentados apontam para a crítica da formulação de certos aspectos de uma educação que funcionaria na melhor das hipóteses, como sugere Arantes, um laboratório de sofrimento psíquico. Impulsionado por reformas empresariais nos moldes de um capitalismo acadêmico, o ensino público se encontra submetido a uma gestão empresarial com a finalidade de educar sujeitos empreendedores. Reforçando que, não é que a educação para o trabalho seja em si um problema, mas entendemos que educar apenas para o trabalho representa uma redução do papel formal da educação institucional para que se torne uma educação servil aos interesses dos reformadores empresariais da educação.

Por fim, entendemos que se criou um cenário onde se exige dos docentes o cumprimento de metas e avaliações que, por sua vez, afastam a vocação docente da finalidade pedagógica, passando por sua vez, a atender os interesses de mercado e configurando o trabalho docente contemporâneo como um trabalho sujo.

Palavras-chave: Educação; Trabalho sujo; Neoliberalismo; Trabalho docente.

REFERÊNCIAS

ANDRIAN, Fernando Rodrigo; COELHO, Allan Silva. **A lógica mercantil-privada na relação entre educação e economia no ensino superior**. Linha Mestra, v. 17, n. 50, p. 359-375, maio/ago. 2023.

ARANTES, Paulo. **Capitalismo acadêmico.** Zero à Esquerda, 20 set. 2024. Disponível em: https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2024/09/20/capitalismo-academico-paulo-arantes/. Acesso em: 5 ago. 2026.



ARANTES, Paulo. **O Novo Tempo do Mundo: e Outros Estudos Sobre a Era da Emergência.** São Paulo: Boitempo, 2014. 468p.

CATINI, Carolina. **Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação**. Revista USP, São Paulo, n. 127, p. 53-68, out./dez. 2020.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 160 p. ISBN 978-85-7743-344-5.

LÖWY, Michael. **Goldmann e o estruturalismo genético**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 125, p. 24-40, jan./abr. 2016.